

GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO PARA REFLETIR O FIM DESTES MUNDOS

George Pereira Reis ¹
Gisellane dos Santos Campos ²
Marilene Ferreira Lobo ³
Claudio Afonso Peres ⁴
Jean Felipe Silva Abreu⁵

INTRODUÇÃO

O artigo trata de discutir o papel da Geografia escolar na compreensão deste mundo, considerando as visões equivocadas que têm sido difundidas sobre as concepções de mundo e de fim de mundo. Percebe-se que quando o assunto é a crise ecológica ou social, muitas vezes são tratadas de forma sensacionalista e logo vem o jargão sobre o fim do mundo.

o sexto relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) assegura que o aquecimento global induzido pela sociedade moderna industrial, de 1,1°C, desencadeou mudanças no clima do planeta sem precedentes na história recente. O mesmo relatório declara que até 2050 a concentração de gases do efeito estufa na atmosfera continuará aumentando e a temperatura média da Terra terá aumento de 1,5°C. As projeções dos modelos climáticos mostram claramente que o aquecimento acima de 1,5°C aumentará drasticamente o risco de eventos climáticos extremos, incêndios florestais mais frequentes e de maior intensidade, aumento do nível do mar e mudanças nos padrões de inundações e secas com implicações no colapso dos sistemas alimentares.

O relatório de avaliação global do Painel Intergovernamental para Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos – IPBES afirma com que um milhão de espécies no ecossistema mundial estão em perigo de extinção nas próximas décadas, o que Ceballos (2022) chama de sexta extinção. A aceleração na taxa global de extinção de espécies já é pelo menos dezenas a centenas de vezes maior do que a média dos últimos 10 milhões de anos.

¹ Mestre pelo Curso de Ensino de Ciências Ambientais da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, george.reis@ifam.edu.br;

² Doutora pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, gisellane.campos@ifam.edu.br;

³ Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Paraná - UFPR marilenegeol2@gmail.com

⁴ Doutor pelo Curso de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT claudioperes@ifam.edu.br;

⁵ Doutorando do Curso de Engenharia de Pesca da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, jean.abreu@ifam.edu.br .

Os sistemas naturais que sustentam a vida encontram-se em uma situação bastante delicada e as previsões não são animadoras. As desigualdades sociais agravam ainda mais o sofrimento gerado pelos impactos das mudanças climáticas. Para Mendonça (2020) é condição de pobreza e o aumento da miserabilidade das populações que as coloca na condição de vítimas primeiras das intempéries climáticas. Na última década, os super-ricos concentraram cerca de metade de toda riqueza gerada no mundo. Os 10 maiores bilionários têm mais patrimônio do que 200 milhões de mulheres africanas. Em se tratando do Brasil os 5% mais ricos detêm a mesma fatia de renda dos demais 95% da população. (Oxfam Internacional, 2023).

Os relatórios institucionais, as informações e os noticiários diários das tragédias socioambientais parecem colaborar para criar um sentimento de derrotismo e inércia, um tipo de apocalipse ecológico, onde a única opção ofertada ao povo é “ficar sentado esperando a morte chegar”, e ainda é amplamente difundido que é a ação do humana/atividades antrópicas são as causadoras do aquecimento global, mudanças climáticas, sexta extinção e a crise ambiental como o todo.

Na atualidade a sociedade tem razão para estar amedrontada pelo fim do mundo? O imaginário coletivo sobre um fim catastrófico do mundo remonta os mitos religiosos de diversas culturas e povos ao longo da história da civilização humana. Porém o intuito dessa pesquisa compreende o mundo do ponto de vista da ciência Geográfica, vamos ao que diz a ciência: O mundo geográfico é mutante os problemas se modificam alguns se ampliam, outros se retraem, outros novos aparecem e outros ainda adquiriram distintas facetas. O fato é que nas primeiras décadas do século XXI aparentemente os problemas não estão sendo solucionados e sim acumulados e outros se tornaram uma bomba relógio.

Na afirmação de Stefanello (2009) os meios tecnológicos de difusão de informação apresentam o mundo por meio de imagens sedutoras, seja através da televisão, do computador, celular ou das artes. O professor de Geografia não pode deixar que seus alunos tenham uma postura passiva e simplesmente absorvam toda forma como veem. Nesse caso, o papel do professor é levar o aluno a desenvolver um senso crítico diante das ininterruptas informações que recebe.

Um lema que se tornou muito corriqueiro quando o assunto é educação relaciona-se, com papel da educação escolar nas mudanças, reformas e transformações que ela tem poder de exercer para um mundo melhor. Fala-se muito em transformar o mundo, e

esquecem que apenas mudanças e reformas não impactam necessariamente na essência das estruturas que sustentam o cenário presente do mundo.

Por mais que no campo conceitual exista diversas concepções sobre este mundo, sabe-se que é visão de mundo patrocinada pela perspectiva capitalista, é a que tem mais alcance nas esferas da sociedade. Existe um entendimento equivocado sobre o que se considera mundo. E essa concepção errônea se propaga também na educação e camufla as mazelas do capitalismo, e colabora com a manutenção deste mundo que estamos agora. Com esse pressuposto o estudo buscou analisar como o professor de Geografia pode educar para acelerar o fim deste mundo refletindo sobre outros caminhos possíveis. Que compartilha com o pensamento educacional marxista. “O mundo não é. O mundo está sendo” (FREIRE, 2002. p. 30).

METODOLOGIA

O trabalho contou com uma ampla revisão bibliográfica, contemplando autores do campo educacional, geográfico, filosófico, histórico e sociológico. Essa pesquisa buscou construir análises tomando como referência a abordagem teórica-metodológica a partir do Materialismo Histórico Dialético, que foi fundamental na orientação e interpretação da realidade educacional, social, histórica, econômica, ambiental e política.

É importante destacar que o pensamento marxista foi desenvolvido para a compreensão crítica das relações sociais sob o modo capitalista de produção. Nessa perspectiva o conhecimento da realidade é visto como um instrumento de compreensão e superação das condições históricas e sociais, ou seja, o conhecimento é uma necessidade para a ação efetiva de metamorfosear o mundo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este mundo geográfico

Existe várias concepções de mundo, filosófica, metafísica, religiosa entre outras. Nesta pesquisa, é importante destacar que a visão de mundo parte de um ponto de vista da Geografia Crítica.

A Geografa Ana Fani evidencia o mundo como prática socioespacial. O mundo é uma produção em movimento das relações sociais de poder, delimitação e superação de fronteiras, e cada vez mais distantes de uma natureza primitiva. Num processo

conflituoso, o homem se depara com forças naturais, e luta contra ela no sentido de superá-la. As atividades humanas por sua vez produzem um mundo e um conhecimento sobre esse mundo. Portanto, a natureza é hoje social, a crise ecológica com a qual nos confrontamos, entre outras crises reveladoras do mundo moderno, é um processo social por excelência. (CARLOS, 2015. p.44).

Santos (2003) destaca que o mundo concreto é fabricado pelo homem, sobre essa base material, se produz a história humana, que vem sendo há séculos atormentada pela ideologia capitalista. Transformando o mundo em uma fábrica de perversidade, que se aproveita de todos os contextos para criar fabulações extasiantes, e se põem ao serviço do império do capital, fundado este na monetarização da vida.

O caráter volátil do mundo também é observado por Harvey (2022) ao estabelecer que, o mundo foi e está constantemente sendo feito, refeito e por vezes até destruído com a finalidade de absorver excedentes de capital que se acumulam com rapidez. O que gera consequências profundas no campo social, da política e ambiental. É evidente que há em curso uma destruição criativa do meio ambiente geográfico do mundo. O mundo está em constante transformação, não apenas porque os humanos são agentes ativos na criação de ambientes propício a sustentar a continuidade de seus modos de produção, mas porque há transformações simultâneas nos ecossistemas mundiais ocorrendo sobre outras forças. (HARVEY, 2022. p. 18).

A crise que alimenta o fim do mundo

Existe um conjunto de ameaças à nossa condição existencial: ameaças de uma guerra nuclear mundial; fome devido à escassez de bens de primeira necessidade; os perigos da Inteligência artificial (IA); guerras devastadoras; mudanças climáticas, aquecimento global com repercussões na temperatura média dos oceanos e da atmosfera da Terra, as emissões de gases de efeito de estufa, assim como a escassez de água a nível mundial. São um bom exemplo: terremotos e tsunamis, incêndios gigantescos, as consequências desoladoras das mais variadas pandemias, cujos efeitos são exemplos para desencadear pensamentos que a aniquilação da humanidade pode estar próxima.

É necessário se fazer outras perguntas: Como o mundo chegou nesse estado? A quem devemos responsabilizar pela desgraça que está o mundo? É evidente que é o homem que fabrica o mundo, logo a culpa da crise que alimenta o pensamento do fim do

mundo também é autoria do homem? Errado, nessa perspectiva o homem é um sinônimo para humanidade e culpar toda a humanidade pelas crises dos sistemas do mundo presente, é um discurso que serve para camuflar o cerne do dilema.

É importante registrar o caráter planetário da devastação socioambiental que tem suas origens no processo de formação do sistema mundo moderno-colonial. o projeto civilizatório europeu nos séculos XVI e XVIII pautado na ideia de progresso, sua versão mais atual é chamada de desenvolvimento, ambos são sinônimos de dominação da natureza, ao se expandir pelo mundo está colocando em risco o planeta inteiro (PORTO-GONÇALVES, 2006, p.24).

Fala-se do meio ambiente e do mundo como se fala do tratamento de um enfermo, que se tem de curar, mas em nenhum caso descrevem que “vírus” provoca a enfermidade. Escondem-se as forças que destroem o meio ambiente, e também os milhões de marginalizados que sofrem as principais consequências. É uma visão conformista da ecologia, na qual somos convidados a fazer humanitarismo, enquanto deixamos a cargo dos tecnocratas a invenção de uma solução norteadada pela mão invisível do mercado, em que a ciência e a técnica não estão a serviço da humanidade, mas da classe social parasitária que leva a humanidade à barbárie. Qualquer questionamento quanto aos seus métodos ou às suas alternativas, é taxado de utópico e perigoso (COGGIOLA, 2010 p.134).

Educação para o fim deste do Mundo

Quando o assunto é fim dos tempos, fim do mundo e metamorfosear o mundo. O renomado filósofo Slavoj Žižek em seu livro *Problema no paraíso: Do fim da história ao fim do capitalismo*, argumenta que a primeira postura que devemos ter é renunciar ao próprio esquema escatológico que determina o nosso desespero. Jamais haverá um herói que transforme magicamente revoltas e protestos confusos num grande e consistente Projeto de Salvação; tudo que temos é nossa atividade, aberta a todos os riscos de uma história súbita. Estamos cada vez nos aproximamos de uma espécie de ponto zero ecológica, econômica e socialmente, não existe à nossa frente uma curva escatológica que aponte para o ato de Salvação global. Em política, um Evento autêntico não é aquele que se espera, mas algo que ocorre como um episódio colateral imprevisto. (Žižek, 2015. p.131).

Fisher (2020) manifesta o quanto é difícil imaginar um outro mundo fora da ideologia capitalista, ao desenvolver a sagaz frase atribuída a Frederic Jameson e Slavoj Žižek: é “mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”. Para Fisher, o sentimento disseminado de que o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sem nenhuma opção para substituí-lo. O capitalismo neoliberal persuadiu o psicológico individual na crença da inevitabilidade do capitalismo como uma atitude de resignação derrotista frente a uma realidade implacável. Mas temos que desistir da crença de que as pessoas irão espontaneamente ganhar consciência de classe, ou que este mundo regido pela ordem capitalista entrará em colapso sem que nós ativamente o desmantelemos. Nosso desafio agora é reinventar a solidariedade.

Pensar a educação diante desse cenário é densamente nebuloso já que, a educação é um campo de disputa ideológica, vivemos numa sociedade dividida em classes e que, enquanto professores, assim como nossos alunos, fazemos parte da classe trabalhadora; se entendermos que ser trabalhador, nas suas diferentes categorias, significa ser explorado e dominado; se entendermos que fazer mais do mesmo, implica perpetuar essa condição, então não nos resta alternativa a não ser colocar a educação a serviço da transformação de si e do mundo, da superação da dominação em favor da emancipação humana. Isto, porém, exige não só um profundo conhecimento da sociedade atual, como também do passado e do projeto que se quer construir, ninguém transforma aquilo que não conhece. Trilhar um caminho oposto significa pactuar com a violência, com a pobreza, com as desigualdades sociais e com as guerras; é compactuar com a miséria humana, cultural e social; é condescender com a destruição da natureza e do homem (ORSO, 2017, p.138).

Cavalcanti (2012) descreve que a importância do professor de Geografia em está constantemente preocupado em ampliar seu universo cultural, atento nos acontecimentos e que ocorrem em seu meio mais imediato e no mundo, conhecendo e vivenciando o mais possível as práticas sociais de seu tempo. Essa postura é importante para compreender o movimento da realidade local e mundial, a fim de entender sua própria prática social profissional, seu papel de professor na relação com a geração de alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constatou-se que existe uma magnífica bibliografia que discute o significado de mundo na perspectiva geográfica e educacional, assim como nas disciplinas das ciências humanas. Que comungam do princípio que este mundo é uma construção humana, que

desde dos últimos 500 anos é modelado com base na doutrina do sistema capitalista. E que é uma completa ignorância reverberar que mundo e Terra são sinônimos, essa visão errônea contribui para engessar a capacidade intelectual do cidadão.

É notório também que os avanços tecnológicos, que possibilitaram uma maior facilidade de comunicação e circulação de conhecimentos em escala planetária, não alterou a popularidade do mundo capitalista. Isto pode ser melhor compreendido nos escritos de Paulo Freire e Milton Santos, enfáticos em denunciar que o desenvolvimento tecnológico é pensado para aumentar os lucros dos bilionários e manter a classe trabalhadora na condição de explorados.

Contudo, os autores reiteram que o conhecimento da realidade material, sem filtros, é essencial para perceber que este mundo deve chegar ao seu fim, e para isso a educação e a Geografia cumprem um papel que possibilita o entendimento deste mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um mundo melhor que tanto se tem ouvido falar nas convenções internacionais é impossível de construir dentro deste mundo criado e modelado pelo capitalismo. Desejo um mundo pautado nos princípios ecológicos e socialmente mais justo, no entanto, o que estamos assistindo é o imperialismo a transformar os países subdesenvolvidos em uma grande vala coletiva. Já não bastassem as guerras permanentes e os genocídios financiados pelas potências capitalistas para manter sua hegemonia, agora temos o aumento geométrico das catástrofes potencializadas pelo aquecimento global, aquecimento este desencadeado pelo modo de produção capitalista.

A educação e ciência geográfica não devem compactar com a permanência deste mundo, é necessário atuar para acelerar o fim deste mundo, a base conceitual já existe, porém, não é amplamente conhecida ou em muitos casos é desacreditada. Esse estudo não acaba aqui nos próximos anos à intensificação das catástrofes socioambientais fará com que a temática de fim do mundo torne-se ainda mais pertinente.

Palavras-chave: Capitalismo; Geografia Escolar, Possibilidade.

REFERÊNCIAS

CARLOS, ANA FANI ALESSANDRI. **A condição espacial. São Paulo:** Contexto, 2015.

CAVALCANTI, LANA DE SOUZA. **O ensino de Geografia na escola.** Campinas – SP: Papirus Editora, 2012.

CEBALLOS, GERARDO; EHRLICH, Paul R; RAVEN, Peter H. **Vertebrados à beira como indicadores de aniquilação biológica e a sexta extinção em massa.** Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS). 16 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/117/24/13596>. Acesso em: 10 setembro 2021.

COGGIOLA, OSVALDO. Ecologia, capitalismo e luta de classes. IN: SILVA, MICHEL GOULART DA (Org.). **Marxismo e natureza: ecologia, história e política.** Pará de Minas, MG: Editora VirtualBooks, 2010.

FISHER, MARK. **O realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HARVEY, DAVID. **Os sentidos do mundo.** São Paulo: Boitempo, 2020.

MENDONÇA, FRANCISCO. **Mudanças climáticas globais: controvérsias, participação brasileira e desafios à ciência.** Humboldt - Revista de Geografia Física e Meio Ambiente, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, e57365, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/humboldt/article/view/57365/36811>. Acesso em 17 abr.2023.

ORSO, PAULINO JOSÉ. Reestruturação curricular no caminho inverso ao do ideário do Escola sem Partido. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

OXFAM. **O 1% mais rico do mundo embolsou quase duas vezes a riqueza obtida pelo resto do mundo nos últimos dois anos.** Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/o-1-mais-rico-do-mundo-embolsou-quase-duas-vezes-a-riqueza-obtida-pelo-resto-do-mundo-nos-ultimos-dois-anos/>. Acesso em: 24 de agosto 2023.

PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS (IPCC). **Sexto Relatório de Avaliação, Mudanças Climáticas 2022: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade.** Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-ii/>. Acesso em 19 abril 2023.

PORTO-GONÇALVES, CARLOS WALTER. **A globalização da natureza e a natureza da globalização.** 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

PLATAFORMA INTERGOVERNAMENTAL SOBRE BIODIVERSIDADE E SERVIÇOS ECOSISTÊMICOS IPBES. **1 milhão de espécies estão em risco de extinção, revela relatório da ONU.** Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/05/1670971>. Acesso em: 02 set. 2021.

STEFANELLO, ANA CLARISSA. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de geografia.** São Paulo: Saraiva, 2009.

SANTOS, MILTON. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio-técnico-científico-informacional.** 5 ed. São Paulo: Edusp, 2013.

ŽIŽEK, SLAVOJ. **Problema no paraíso: Do fim da história ao fim do capitalismo.** Rio de Janeiro – RJ: Zahar, 2015.